

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO
GRANDE DO SUL**

CAMPUS OSÓRIO

PÓS-GRADUAÇÃO *LATO SENSU* EM EDUCAÇÃO BÁSICA E PROFISSIONAL

PRISCILA RIGONI

Que horas ela volta?: Desigualdades no acesso ao ensino superior

**Profa. Dra. Maria Augusta Martiarena de Oliveira
Orientadora**

Osório

Julho de 2022

QUE HORAS ELA VOLTA?: DESIGUALDADES NO ACESSO AO ENSINO SUPERIOR

The second mother: Inequalities in access to higher education

Priscila Rigoni.

2021200562@aluno.osorio.ifrs.edu.br.

Resumo: Tendo em vista que o cinema é uma ferramenta que pode ser utilizada no espaço acadêmico como forma de estimular o pensamento crítico, bem como de aprimorar o olhar, este trabalho tem como objetivo principal analisar as relações que existem entre o filme *Que horas ela volta?* (Muylaert, 2015), e a área de políticas públicas em educação de acesso e de permanência no ensino superior, além de propor um material didático para abordar essa temática em aula. Este filme narra a história de Jéssica, uma jovem filha de uma empregada doméstica, a qual quer prestar vestibular para o curso de Arquitetura na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – FAU. Assim, esta pesquisa qualitativa documental se baseia na Análise do Filme, fundamentada pelos autores Jacques Aumont e Michel Marie (1993), para desenvolver a coleta e a análise dos dados. De maneira que para a elaboração do material didático é utilizado o conceito de *Design Thinking*. Portanto, analisar este filme é relevante, pois coloca em pauta temas caros para o Brasil atual promovendo reflexões sobre o funcionamento das relações sociais, das suas hierarquias e dos preconceitos, as quais se entrelaçam às questões de acesso ao ensino superior.

Palavras-Chave: Cinema e educação; Educação; Políticas Públicas; Ensino Superior; Design thinking.

Abstract: Cinema is a tool that can be used in the academic space as a way to stimulate critical thinking. Therefore, this work has as main objective to analyze the relations that exist between the film *Que hora ela volta?* (Muylaert, 2015), and the public policies of access and permanency in higher education, in addition to that proposes didactic material to address this topic in the classroom. This film tells the story of Jessica, a young daughter of a maid, who wants to take the entrance exam for the Architecture course at the Faculty of Architecture and Urbanism of the University of São Paulo – FAU. Thus, this documentary qualitative research collection and data analysis is based on Film Analysis, based on the authors Jacques Aumont and Michel Marie (1993). So that for the Design Thinking was used for the elaboration of the didactic material. The analysis of this film raises issues that are extremely relevant to Brazil today, promoting reflections on the functioning of social relations, their hierarchies and prejudices, which are intertwined with issues of access to higher education.

Keywords: Cinema and Education; Education; Public Policies; Higher Education; Design thinking.

1. Introdução

Conforme Medeiros (2017), utilizar a linguagem cinematográfica no ambiente acadêmico é importante para estimular o pensamento crítico, ampliar as noções culturais e estimular noções visuais e estéticas dos estudantes. Nesse sentido, tendo em vista a preponderância de produções audiovisuais norte-americanas, a autora acredita ser necessária a proposição de filmes os quais os estudantes não teriam acesso ou interesse em assistir, com isso, "dar a conhecer produções de outros países da região é também uma ação de resistência frente à hegemonia das produções internacionais, principalmente as hollywoodianas, em direção às produções mercosulinas" (MEDEIROS, 2019, p. 134).

Portanto, é possível dizer que a aprendizagem não ocorre somente através de ferramentas e espaços formais de ensino, o ato de aprender também pode acontecer por meio de filmes que levam os espectadores a refletir sobre temas sociais, como por exemplo as questões de gênero, os preconceitos raciais, as diferenças de classes, e assim por diante.

Nesse aspecto, o filme brasileiro *Que horas ela volta?*, da diretora e roteirista Anna Muylaert, foi lançado em 2015, e conforme Muylaert¹, o projeto do filme demorou vinte anos para ser finalizado, sendo que durante este processo o roteiro foi sendo adaptado e atualizado, acompanhando as mudanças políticas do país. Esta obra foi vendida para aproximadamente vinte e dois países, e ganhou diversos prêmios² no Brasil e no exterior.

Assim sendo, esta narrativa conta sobre Val (Regina Casé), uma pernambucana que se muda para São Paulo para trabalhar como babá e empregada doméstica na casa de uma família da elite paulista a qual é composta pela mãe, Bárbara (Karine Teles), pelo pai, José Carlos (Lourenço Mutarelli), e pelo filho Fabinho (Michel Joelsas). Val mora na casa onde trabalha, sendo que seu quarto é uma pequena peça com pouca ventilação nos fundos da casa. Val deixa em Pernambuco a sua filha ainda criança, Jéssica (Camila Márdila), sob os cuidados de familiares e envia dinheiro para auxiliar com as despesas, além de fazer visitas muito esporadicamente. Depois de mais de dez anos sem se encontrarem pessoalmente, Jéssica liga para a mãe para avisar que irá para São Paulo passar uma temporada para prestar vestibular para o curso de Arquitetura na Faculdade de

¹ Entrevista de Ana Muylaert. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eNpR1xgWwQs>. Acesso em 20/09/2021.

² Para ver todos os prêmios que o filme ganhou, verifique o Acervo da Filmografia Brasileira da Cinemateca Brasileira. Disponível em: <http://bases.cinemateca.gov.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/>. Acesso em 20/09/2021.

Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo - FAU. Assim, Jéssica fica com Val na casa até prestar a prova do vestibular, e durante sua estadia acontecem diversas tensões entre os personagens.

Nesse sentido, com foco neste filme, este artigo tem como **objetivo principal** analisar quais as relações que podem ser feitas entre o filme e a área da educação, de forma que os **objetivos específicos** são os seguintes:

- Desenvolver uma análise do filme, vinculando-a com as políticas públicas de acesso e permanência no ensino superior e com as hierarquias e com os preconceitos de classes.
- Propor um material para ser utilizado em aula com base no filme, para se discutir sobre políticas públicas de acesso e permanência no ensino superior.

Portanto, o problema se desdobra nas seguintes perguntas: Quais as relações que podem ser feitas entre o filme e as Políticas educacionais de acesso e de permanência no ensino superior no que se refere às hierarquias e aos preconceitos de classes? Como é possível utilizar a obra cinematográfica em questão como material didático?

Assim, esta pesquisa se justifica pela minha trajetória acadêmica³ na área da comunicação e do audiovisual, bem como pelo meu interesse em estudar sobre as representações nas narrativas audiovisuais. Além disso, tendo em vista que o foco da especialização em Educação Básica e Profissional, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - Câmpus Osório, é na área da Educação, tenho interesse em aproximar as duas áreas pelas quais transito: a Comunicação e a Educação, com o intuito de criar relações entre elas, a fim de compreender um objeto de estudo em específico. Além do que, tendo em conta que as políticas públicas em educação são comumente estudadas em cursos de licenciatura, de formação de professores, e na pós-graduação, este trabalho pode se constituir em possibilidades de utilização de uma obra cinematográfica em sala de aula. Ainda, a narrativa do filme *Que horas ela volta?* é um tanto quanto atual e necessária, pois coloca em pauta temas caros para o Brasil contemporâneo, levando a reflexão sobre o funcionamento das relações sociais, das suas hierarquias e dos seus preconceitos.

³ Priscila Rigoni é publicitária e doutoranda em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e pesquisa desde 2018 sobre produção audiovisual, questões de gênero e feminismo.

Nesse sentido, este artigo se divide em 5 partes, sendo que o seguinte subtítulo aborda a revisão bibliográfica, com base no conceito de Educação e cinema, da autora Lucilla Pimentel, assim como no conceito de Políticas Públicas educacionais de acesso e de permanência no ensino superior de autores como Moura e Benachio e Mônica Ribeiro da Silva. O terceiro subtítulo desdobra a metodologia embasada na Análise do Filme, conforme os autores Jacques Aumont e Michel Marie. Por conseguinte são apresentados os resultados e as discussões dos dados coletados, bem como a proposta metodológica embasada no *design thinking*, e por último são feitas as considerações finais.

2. Cinema e Educação

Esta pesquisa se baseia em dois principais conceitos, o de Educação e Cinema proposto por Lucilla Pimentel, e o de Políticas Públicas educacionais de acesso e de permanência no ensino superior, proposto por autores(as) como Moura e Benachio e Mônica Ribeiro da Silva.

Para Pimentel, (2011), através da análise das imagens de um filme, é possível descrever e pensar sobre as relações entre os seres humanos, bem como sobre as diversidades socioculturais, psicológicas e éticas, além disso, o audiovisual pode contribuir para a formação de estudantes, possibilitando que estes encontrem significados emancipadores para suas vidas. Ainda, algumas cenas que são reproduzidas em filmes, podem fazer com que quem esteja assistindo se identifique com determinada situação ou personagem, nessa lógica, "existe uma dinâmica interativa entre a imagem e o receptor, que se submete aos processos de identificação e projeção, dinâmica facilitadora para a criação de mitos e de outros heróis, que escapam do controle de qualquer autoridade" (Pimentel, 2011, p. 28).

O cinema compreende uma maneira de ação formativa no que tange em tornar o olhar de estudantes mais perceptivo, investigativo e crítico diante das realidades individual e coletiva pelo fato de utilizar a imagem e várias outras formas de linguagem que estimulam os sentidos e emoções. Portanto, para se efetivar uma ação formativa a partir do cinema, é preciso destacar três importantes aspectos: (i) o discurso do cinema interagindo com o da educação; (ii) o cinema e os benefícios que promove na formação do olhar do educando adolescente; e (iii) o cinema como recurso do educador (PIMENTEL 2011).

Sobre o primeiro aspecto, o discurso do cinema interagindo com o da educação, é possível afirmar que:

partimos da ideia de que há um discurso na mídia cinematográfica e um discurso na educação, esta que se refere ao âmbito escolar. O primeiro apresenta especificidades próprias, e é filiado à teoria da comunicação. O segundo também apresenta características específicas inseridas na teoria que a educação cria, fundamentada em pressupostos filosóficos e os de outras ciências humanas, como a psicologia, a história, a antropologia, a pedagogia e a sociologia. Assim, neste momento, efetivamos uma aproximação entre o fenômeno de socialização da educação e o dispositivo que melhor representa a universalidade de suas representações (PIMENTEL, 2011, p. 52).

Conforme Pimentel (2011), se observados de maneira isolada, o discurso cinematográfico e da educação deixam, inicialmente, a impressão de serem áreas um tanto quanto distantes, todavia, ao estudar melhor cada um deles, percebe-se que é possível colocá-los em um mesmo terreno que compõe uma ação interdisciplinar de formação.

Assim, esses dois campos têm em comum a natureza verbal, uma vez que ambos utilizam essa forma de linguagem para se comunicarem. Nesse sentido, para que os discursos do cinema e da educação se efetivem, é necessário que exista uma mensagem, um emissor e um receptor, de maneira que tanto o cineasta quanto o professor tem como objetivo tornar o seu discurso compreensível, sendo que ambos fazem uso da expressividade na maneira como transmitem sua mensagem (PIMENTEL, 2011).

Por outro lado, uma das características que os difere está nos aparatos tecnológicos, de forma que, atualmente, para que o emissor/cinema envie sua mensagem, é necessário um alto grau de recursos tecnológicos digitais. No caso do professor/emissor, o uso das tecnologias digitais para enviar sua mensagem, torna-se mais restrito, em especial, se pensarmos nas condições estruturais das instituições educacionais públicas, principalmente na Educação Básica. Isso acontece porque existe um alto custo para que esses espaços de ensino e aprendizagem se mantenham atualizados no âmbito digital, ou até mesmo no que diz respeito aos cursos de formação e de aprimoramento de professores (PIMENTEL, 2011).

Além deste, de acordo com Pimentel (2011), outro ponto divergente para se destacar é o diálogo, que no cinema se dá por meio da imagem e do receptor, sem que exista uma possibilidade real de revezamento de atividade, pois se o receptor deseja comentar ou analisar a obra, o faz longe da tela do cinema. Todavia, a relação entre professor/receptor e emissor/aluno é diferente, tendo em vista que o professor propicia a alternância das pessoas que estão falando, pois, no discurso do

professor, o objetivo é passar a palavra para o receptor, que por sua vez, também irá emitir sua mensagem, assim, existe uma complementação entre o que se é falado. Ainda que existam essas diferenças, vale ressaltar que tanto o discurso do cinema quanto o da educação buscam de alguma maneira capturar a atenção e impactar os receptores.

O cinema produz efeitos éticos/estéticos a partir da emissão de mensagens, mas o(a) docente também possui diversas possibilidades de produção de efeitos nos estudantes, e a linguagem audiovisual pode ser utilizada como recurso do(a) professor(a) para sensibilizar sobre determinado assunto em sala de aula. Filmes, séries e documentários vinculados à temática que está sendo aprendida em aula, propicia o estabelecimento de um vínculo conciso de conhecimentos.

Conforme Pimentel (2011), sobre o segundo aspecto para se efetivar uma ação formativa a partir do cinema, que diz respeito aos benefícios que este promove na formação do olhar do educando adolescente⁴, é importante enfatizar que o cinema seja utilizado em sala de aula com o intuito de promover as relações sociais, assim como para desenvolver os sentidos e o pensamento. Dessa forma as imagens podem propiciar o desenvolvimento do olhar dos educandos, de maneira que o educador se coloque na posição de mediador a fim de ressignificar o olhar deste educando frente às imagens que se revelam.

Assim, de acordo com a autora, o cinema complementa a educação a partir da exposição de imagens e do estabelecimento de vínculos entre essas imagens e a subjetividade de cada sujeito, pois, antes de se envolver com a narrativa que se apresenta na tela, existe uma história real vivida por cada estudante, assim, o espectador se apresenta diante de uma narrativa audiovisual com uma leitura própria do mundo, mas aceitando o olhar da câmera que lhe mostra outras perspectivas. Portanto, o cinema complementa a educação ao ampliar o olhar dos educandos, despertando as capacidades de pensar, de observar, de analisar, de classificar, de codificar e de decodificar mensagens, de utilizar a imaginação criativa, de planejar projetos e de realizar pesquisas.

Além do mais, no que tange ao desenvolvimento psicossocial, o cinema pode funcionar como meio educativo nas relações sociais que envolvem troca de informação, de dúvida, ou de conhecimento; auxilia também na troca de ideias e de sentimentos; no desenvolvimento da intersubjetividade e da alteridade; e contribui também para o enriquecimento dos sentidos crítico,

⁴ A autora enfoca em estudantes adolescentes, todavia, esta recomendação pode se estender para estudantes de qualquer faixa etária.

estético e moral. Enfim, a linguagem do cinema é uma provocadora da evolução dos sentidos, pois não é somente o sujeito cognitivo que frequenta o ambiente educacional, mas é também o sensível que precisa estar em frequente despertar para o novo, para o diferente (PIMENTEL, 2011).

Por fim, de acordo com Pimentel (2011), sobre o cinema como recurso do educador, ao se utilizar do cinema como recurso em sala de aula, torna-se fundante que o(a) professor(a) desenvolva a compreensão sobre como e porquê utilizar determinado filme. Antes de tudo, para inserir o cinema na sua prática pedagógica, considera-se a importância da realização de uma transposição didática dos conhecimentos e da realidade social para as imagens da ficção. Além disso, torna-se essencial na mediação entre docentes e estudantes promover debates e questionamentos a partir de um filme. Portanto, na medida em que um filme abre espaço para a interlocução entre ficção e realidade, o cinema pode ser um caminho diferente para se chegar a um mesmo objetivo: a formação humana de estudantes.

O reconhecimento da educação como direito e como uma possibilidade de aumentar a participação de todos nos rumos de um país, a Constituição do Brasil de 1988 ganhou notoriedade social, pois ela entende que o Estado Democrático de Direito, conforme Cury (2005), reconhece a soberania da lei e do regime representativo, além disso, reconhece e insere o poder popular como uma parte dos processos de decisão de deliberação pública e de democratização. Nesse sentido, uma lei deve atuar como uma maneira normal de funcionamento de uma sociedade, embasando-se no princípio de igualdade para todos. Mas, ao verificar o caráter histórico das sociedades, percebe-se na sociedade de classes conflitos de interesses e de valores entre as diversas classes sociais.

Nessa perspectiva, é possível afirmar que ao longo da história, a organização da educação brasileira, em especial o ensino médio, tem passado por uma série de reformulações conforme o momento político-histórico⁵. Recentemente, o Ensino Médio passou por mais uma reforma, de acordo com a Lei nº 13.415/2017, em articulação com as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (DCNEM) (BRASIL, 2018a), e com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018b), que redirecionam o Ensino Médio e a educação profissional. Esta reforma tem como princípio organizar a educação básica a partir do desenvolvimento de competências e habilidades dos estudantes, com enfoque em suprir as demandas do mercado de trabalho. Além

⁵ Sugere-se a leitura do texto A BNCC da reforma do Ensino Médio: o resgate de um empoeirado discurso, de Monica Ribeiro da Silva. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/V3cqZ8tBtT3Jvts7JdhxxZk/abstract/?lang=pt>. Acesso em 20/08/2022.

disto, existe influência do setor privado ligado à educação, sendo que é prevista a possibilidade de se realizarem parcerias com instituições privadas de ensino (MOURA; BENACHIO, 2021).

Nesse sentido, iniciou-se uma divulgação midiática para promover a reforma do Ensino Médio com base em um discurso que apresenta a reforma como uma ideia inovadora e atual, todavia, esse discurso serve para mascarar objetivos antigos. Além do que, a reforma tem como intuito eliminar as disciplinas as quais são consideradas inúteis para o mercado de trabalho, nesse sentido, é extinguida a obrigatoriedade das aulas de Filosofia e de Sociologia, ainda, é dada a possibilidade de que pessoas sem formação específica para a docência possam dar aulas, levando à precarização do trabalho de professores(as), bem como comprometendo a qualidade da educação e da formação de estudantes (SILVA, 2018).

Além do que, para Silva (2018), a retomada da ideia de organizar o currículo com base na ideia de competências, sendo elas (i) um conjunto de competências gerais e (ii) competências específicas para cada área/disciplina, é baseada na justificativa de que é preciso adaptar o Ensino Médio para o mercado de trabalho, este associado diretamente às inovações tecnológicas e organizacionais. Também, as competências visam o controle das experiências dos indivíduos e das escolas que é viabilizado a partir da imposição de um discurso generalista à realidade educacional do país e pelas formas de avaliação que conhecem mais o produto do que o processo.

A centralidade da noção de competências no currículo, especialmente porque justificada e proposta pela via unidimensional do mercado, produz uma “formação administrada”, ao reforçar a possibilidade de uma educação de caráter instrumental e sujeita ao controle. Ignorar a dimensão histórico-cultural da formação humana, pelo caráter instrumental das proposições, gera um processo formativo voltado para a adaptação dos indivíduos em sacrifício da diferenciação e da autonomia (Silva, 2018, p. 11).

Conforme Moura; Benachio (2021), o Ensino Médio é importante pois consolida a etapa de conclusão da Educação Básica⁶ aos estudantes, visando criar condições para sua inserção no mundo do trabalho, bem como para a cidadania, para a continuação dos estudos de nível superior, dentre outros objetivos. Por isso, a forma de oferta, visando garantir a qualidade dos processos formativos de ensino e aprendizagem no ensino médio, é um ponto crucial a ser discutido na área da educação. É evidente que a qualidade do Ensino Médio precisa melhorar, tendo em vista que o

⁶ Observa-se que, no país, a oferta da Educação Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio) é obrigação do Estado e direito de todos. Salienta-se que, conforme a Lei de Diretrizes e Bases (LDBN), imprime-se a obrigatoriedade de oferta e direito de acesso pelos estudantes ao espaço escolar, dos 4 aos 17 anos.

Estado é o responsável por garantir o seu acesso público, gratuito e de qualidade para todos, contudo, a maneira pela qual a última reforma foi estruturada, se deu sem o diálogo necessário com a comunidade acadêmica e escolar.

Por outro lado, essa reforma compromete a formação humana e integral dos estudantes, pois desarticula a relação entre trabalho, ciência, tecnologia e cultura. Dessa forma, a reforma do Ensino Médio se embasa em uma contenção de gastos, não em investimentos para melhorias, por isso, de acordo com Moura e Lima Filho (2017, p. 111 apud Moura; Benachio, 2021, p. 196), "fazem parte de uma racionalidade cujo objetivo é reconfigurar o Estado brasileiro no sentido de torná-lo ainda 'mais mínimo' no que se refere às garantias dos direitos sociais e 'mais máximo' para regular os interesses do grande capital nacional e internacional, especialmente o financeiro/especulativo".

A pesquisadora Monica Ribeiro da Silva, em uma entrevista, problematiza a perspectiva do Ensino Médio restringir-se à preparação para o mercado de trabalho ou para o ingresso no Ensino Superior. Visto que, essa perspectiva reflete a dualidade que caracterizou e perpassou a educação do século XX no país. Sob essa perspectiva, salienta-se que, para as elites era reservado o ensino clássico e científico, enquanto que, para as outras camadas da população, era destinado o ensino técnico e profissional (hegemonicamente acrítico e tecnicista, voltado à formação de mão de obra barata e operacional, atendendo às necessidades do mercado).

A ideia de trazer o Ensino Médio como educação básica é colocá-lo como uma etapa, conforme está nos artigos 35 e 36 da LDB, proporcione uma formação para compreender os processos culturais, econômicos, políticos da sociedade atual e contribuir com o desenvolvimento da necessária autonomia intelectual em cada pessoa. Por isso, ele seria a última etapa da educação básica e teria uma finalidade essencialmente formativa e não necessariamente preparatória para isso ou para aquilo (Tartaglia; Silva, 2019, p. 3).

Mas, Tartaglia; Silva (2019) concorda que as diversas propostas de reforma no Ensino Médio no país possuem uma característica em comum: serem feitas sem diálogo com o público alvo (os 10,5 milhões de jovens entre 15 e 17 anos). Portanto, a autora afirma que, para enfrentar essa proposta, inicialmente é preciso negá-la tanto pela sua forma, por não ter possibilitado diálogo ampliado com as escolas, com os pesquisadores e com as juventudes, quanto pelo seu conteúdo.

O segundo passo parte da seguinte pergunta: É preciso uma reformulação do Ensino Médio? No nosso entendimento, é preciso. Nós tivemos um acréscimo imenso da matrícula, de 3,5 milhões de matrículas em 1991 para 9 milhões de matrículas em 2004, e, atualmente, 8,075 milhões de matrículas. Esse crescimento acelerado em pouco mais de dez anos fez aquilo que o século XX inteiro não fez do ponto de vista do acesso, trouxe para dentro dessa escola uma juventude múltipla, diversa e que não é aquela que estava no Ensino Médio para ir para o ensino superior. Nesse sentido, a gente tem que pensar qual Ensino Médio é necessário para essa multiplicidade de pessoas, de condições e de classes sociais diferentes, de lugares do Brasil que jamais pensaram ir para o Ensino Médio, que era tido como coisa de elite e de classe média. É preciso compreender que se trata de um outro público que está no Ensino Médio atualmente e não dá para ficar com um currículo pensado como um curso propedêutico para o vestibular (Tartaglia; Silva, 2019, p. 4).

Ainda, Tartaglia; Silva (2019) ressaltam a importância de se pensar uma política de acesso e permanência global de maneira qualificada, tanto a partir de uma perspectiva pedagógica, quanto enfocando o currículo, atendendo de maneira eficaz, a partir de necessidades e interesses específicos, uma juventude plural. Em outras palavras, é preciso uma política que seja capaz de integrar professores, estudantes, currículo e escola.

Ainda assim, mantemos muitos dos problemas estruturais como as distorções territoriais, temos matrícula concentrada na região sul e sudeste; a ausência de conclusão é muito maior na região norte e nordeste; a conclusão é menor entre os negros, nos territórios mais pobres, nas zonas mais periféricas e no campo. Então, como podemos resolver problemas estruturais como esses que vêm vindo desde o início do século passado, simplesmente com mudanças localizadas e parciais? (Tartaglia; Silva, 2019, p. 5).

Isto posto, observa-se que é possível utilizar o do cinema como ferramenta complementar à educação, além de se destacar a importância de que todas as pessoas tenham acesso igualitário à educação de qualidade. Portanto, o próximo capítulo discorre sobre a metodologia utilizada para a coleta e análise de dados desta pesquisa.

3. Metodologia

Esta é uma pesquisa de abordagem qualitativa, de objetivo descritiva e documental quanto aos procedimentos. Para Gil (2002) as pesquisas descritivas têm como foco descrever as características de determinada população ou de determinado fenômeno, além disso, as pesquisas descritivas, para além de descrever, também podem estabelecer relações entre determinadas variáveis. A pesquisa documental apresenta diversas vantagens, tendo em vista que os documentos sobrevivem ao longo do tempo, são uma fonte de dados estáveis e abundantes. Existem dois tipos de documentos (i) os documentos que nunca foram analisados, e (ii) os documentos que já foram analisados, mas que podem ser reelaborados. Lembrando que

documentos podem ser: diários pessoais, fotografias, gravações, memorandos, etc. Neste sentido, o documento aqui analisado é o filme. Por fim, este artigo tem como aporte metodológico a Análise do Filme, fundamentada pelos autores Jacques Aumont e Michel Marie (1993).

Como ponto de partida para a escolha do filme, foram tidos em conta dois critérios, o primeiro exigia que o filme a ser analisado aqui fosse brasileiro, já o segundo critério demandava que a narrativa abordasse alguma questão relacionada com a área da educação. A escolha de um filme brasileiro se deve ao fato de este estar mais próximo do contexto no qual a pesquisadora está inserida, assim como é importante para, a partir da análise de dados, problematizar temas importantes vinculados à área da educação deste país. Ainda, este material pode vir a ser utilizado como ferramenta metodológica em espaços de ensino e aprendizagem para problematizar questões relacionadas às políticas públicas educacionais e ao ingresso no ensino superior. Para além disso, era imprescindível que a narrativa fílmica escolhida para ser analisada neste trabalho perpassasse a área da educação, tendo em vista o foco do curso de especialização.

Conforme Aumont e Marie (1993), existem três grandes tipos de instrumentos de análise do filme, são eles: os instrumentos descritivos, os instrumentos citacionais e os instrumentos documentais. O primeiro diz respeito à descrição de características específicas das cenas ou da trilha sonora, ainda, é importante afirmar que em um filme tudo é passível de descrição. Assim, se pode dizer que descrever uma imagem é colocar na linguagem verbal os elementos visuais significativos e informativos da narrativa fílmica. Ao realizar uma descrição, é preciso sempre ter em conta uma escolha analítica e interpretativa dos planos.

Por conseguinte, os instrumentos citacionais são bastante similares aos anteriores, todavia, buscam descrever o filme a partir da forma mais fiel possível, assim, um recurso que cabe utilizar aqui é o fotograma, o qual consiste em parar o desfile fílmico, suprimindo assim, o áudio, bem como o movimento. De certa forma, o fotograma se trata da citação mais literal que um filme pode ter, uma vez que é retirado do próprio corpo filme, assim, para a coleta dos quadros de imagem do filme analisado neste trabalho, foi utilizado o recurso *print screen* do computador, o qual sua função é tirar uma foto da imagem em movimento.

Por fim, os instrumentos documentais não descrevem tampouco citam o filme, eles se baseiam na utilização de documentos externos ao filme, como por exemplo, críticas, notícias, etc. Assim, tendo em vista que os processos de pré-produção, produção e pós-produção de um filme são um tanto quanto complexos e podem ser registrados a partir de fotografias, de gravação de

making off, de entrevistas com as equipes, etc., todo esse tipo de material pode ser utilizado na análise do filme.

Nessa perspectiva, no próximo capítulo desta pesquisa é apresentado o uso conjunto dos três instrumentos de análise do filme citados acima para possibilitar uma análise mais completa, e, para auxiliar na coleta, na organização, bem como na análise dos dados, serão utilizados gráficos, tabelas e esquemas visuais para melhor compreensão do estudo aqui apresentado.

4. Resultados e discussões

Para a análise dos dados, inicialmente serão apresentados os instrumentos descritivos e os instrumentos citacionais, posterior a isso, são apresentados e discutidos os instrumentos documentais, e por fim, uma proposta de material didático é exposta com o objetivo de se utilizar o filme *Que horas ela volta?* (Muylaert, 2015) como base para discussões em aula sobre políticas públicas educacionais de acesso e de permanência no ensino superior.

Nesse aspecto, a primeira cena a ser analisada inicia aos 34 minutos de filme, e pode ser vista conforme a Sequência 1 de quadros de imagem capturados, de forma que o diálogo pode ser observado na legenda. Nesse momento, Val apresenta sua filha, Jéssica, recém chegada de viagem para Bárbara, Fabinho e José Carlos. Na cena, a família está na sala de jantar em estado apático, mexendo no celular enquanto termina a refeição, quando pede para Val retirar os pratos, Bárbara menciona que quer conhecer Jéssica, a qual entra e fica em pé ao lado de Val conversando com a família, em diálogos que são perpassados por momentos de silêncio e desconforto.

Sequência 1: Cena do filme *Que horas ela volta?*.



Fonte: *Que horas ela volta?* (Muylaert, 2015).

Sequência 1: Cena do filme *Que horas ela volta?*.



Fonte: *Que horas ela volta?* (Muylaert, 2015).

Sequência 1: Cena do filme *Que horas ela volta?*.



Fonte: *Que horas ela volta?* (Muylaert, 2015).

Sequência 1: Cena do filme *Que horas ela volta?*.



Fonte: *Que horas ela volta?* (Muylaert, 2015).

Sequência 1: Cena do filme *Que horas ela volta?*.



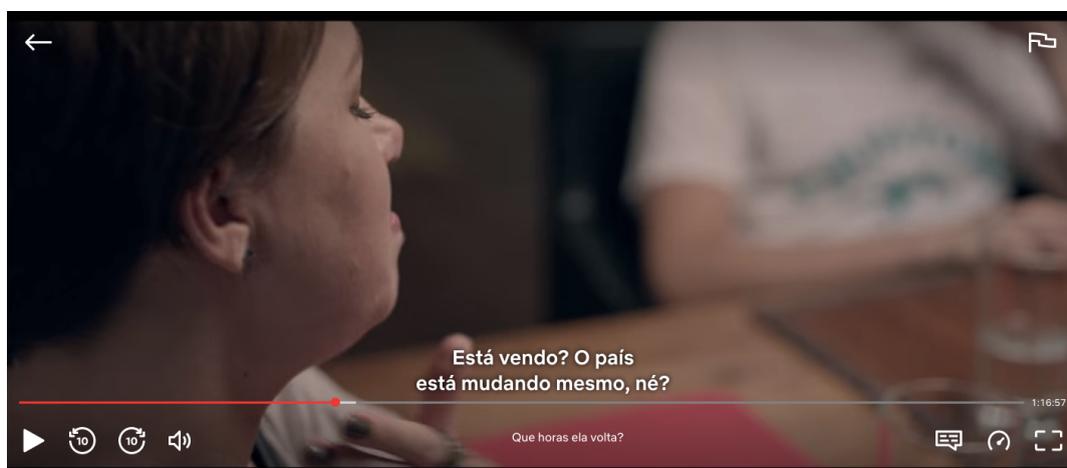
Fonte: *Que horas ela volta?* (Muylaert, 2015).

Sequência 1: Cena do filme *Que horas ela volta?*.



Fonte: *Que horas ela volta?* (Muylaert, 2015).

Sequência 1: Cena do filme *Que horas ela volta?*.



Fonte: *Que horas ela volta?* (Muylaert, 2015).

Bárbara pergunta para qual curso Jéssica quer prestar vestibular, e ela responde que para Arquitetura, no entanto, todas as pessoas sentadas na mesa a olham com uma mistura de desdém e de surpresa, dizendo que o vestibular da FAU é bastante concorrido e difícil de passar, como se Jéssica estivesse cometendo um ato criminoso grave ao desviar, do que pressupunham, que seria o destino social dela. Então, José

Carlos pergunta se a escola onde Jéssica estudou era boa, ela diz que não, mas conta que teve incentivo de um professor de História. José Carlos segue interrogando Jéssica e pergunta o porquê de ela ter escolhido Arquitetura, então ela diz que sempre gostou de desenhar, e aprendeu bastante quando prestou ajuda em algumas obras de seu tio empreiteiro.

O fato de Jéssica ter estudado em uma escola com ensino de baixa qualidade deixa a família descrente sobre o potencial de Jéssica ser aprovada no vestibular. Entretanto, segundo a Tabela 1, que apresenta os dados Censo da Educação Superior de 2019, tendo em conta o tipo de escola em que os(as) estudantes ingressantes em cursos superiores no ano de 2019 finalizaram o Ensino Médio, é possível afirmar que a maioria dos(das) ingressantes, concluíram o Ensino Médio em escolas públicas (76,8%), enquanto 23,2% concluíram em escolas privadas.

Tabela 1: Número de ingressantes segundo o tipo de escola que o aluno concluiu o ensino médio - Brasil - 2019.

Tipo de escola de ensino médio	Número de ingressantes no ensino superior
Total	3.633.320
Pública	2.791.243
Privada	841.389
Não dispõe da informação	688

Fonte: Elaborada por Deed/Inep com base nos dados do Censo da Educação Superior.

Portanto, a partir desses dados, verifica-se a importância que as escolas públicas exercem nos processos de ensino e aprendizagem de estudantes que acessam o Ensino Superior. Também é válido ressaltar que o acesso às escolas privadas, por serem pagas, é mais restrito, tendo em vista que uma baixa parcela da população possui condições financeiras para pagar a mensalidade destas escolas.

Além disso, Jéssica afirma que é importante para ela ter um diploma, e que acredita que a Arquitetura é uma ferramenta que leva a mudança social, assim, no fim do diálogo da cena analisada, dona Bárbara, de maneira irônica fala "Está vendo, o país está mudando mesmo, né?". Desse modo, de acordo com a cena, pode-se afirmar que existe um desconforto por parte da família ao saber que Jéssica, a filha da empregada doméstica da casa, tem intenção de cursar uma graduação.

O desejo que motivou a prospecção para si de Jéssica em uma das arenas mais elitizadas do campo acadêmico nacional gera um incômodo que não permite às personagens agirem de acordo com o protocolo e assim inicia-se uma sabatina com ela que pretende compreender o porquê da escolha. Entre a incompreensão, a impossibilidade de estender o "quase da família" a ela e um "tadinha", José Carlos levanta um questionamento bastante pertinente "mas a escola lá era boa?", tão pertinente quanto o questionamento é notar o quanto é necessário a Jéssica, mediante a uma inflexão da expectativa da reprodução de seu local de origem social, se explicar, inculcando porquês e funções aos seus desejos. Diante do inesperado, a cena se encerra com um condescendente "boa sorte" e uma tentativa de Bárbara de compreender o ocorrido, verbalizado na análise da conjuntura "o país está mudando mesmo". Nem o boa sorte diz respeito ao desejo real da personagem, como também o país está mudando não deve ser uma análise conjuntural simplista, como exposto anteriormente (LIMA, 2017, p.59).

Nesse sentido, conforme Gomes; Pires; Finkler, (2021) é entendido, por parte de um seletor grupo, que o acesso às universidades, em especial as públicas, se trata de um direito dos filhos das

elites e/ou classe média, como se estes tivessem sido premiados na loteria social, e o seu prêmio é a meritocracia. Assim, a partir desse ponto de vista, o acesso a essas universidades, na sua prática, se limita às pessoas que estudam em escolas privadas ou em cursinhos pré-vestibulares, firmando-se, desse modo, um direito de classe exclusivamente das elites e classe média.

Ainda, de acordo com os autores, conforme a ideologia meritocrática, a disciplina para assimilar conhecimento, o esforço, o autocontrole e a concentração são privilégios somente de quem pode comprar tempo livre para fazê-los. É possível perceber que nas classes dominantes as pessoas têm sua autoestima e sua capacidade intelectual estimuladas desde criança. Entretanto, para as classes empobrecidas, é negado o acesso ao capital econômico e ao capital cultural, nesse sentido, as políticas públicas de discriminação positiva, é o exemplo das cotas raciais, incentivam o acesso dessas pessoas aos bens de consumo, e aos bens culturais, como a escolarização. Desta forma, é possível perceber que nas últimas décadas, as políticas afirmativas, mesmo estando aquém das necessidades históricas do país, são alvo de descontentamento por parte da elite e da classe média, de forma que as cotas nas universidades assim como o Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM, são percebidos por parte desses dois grupos como uma afronta aos direitos herdados de ingresso nas universidades públicas. (GOMES; PIRES; FINKLER, 2021).

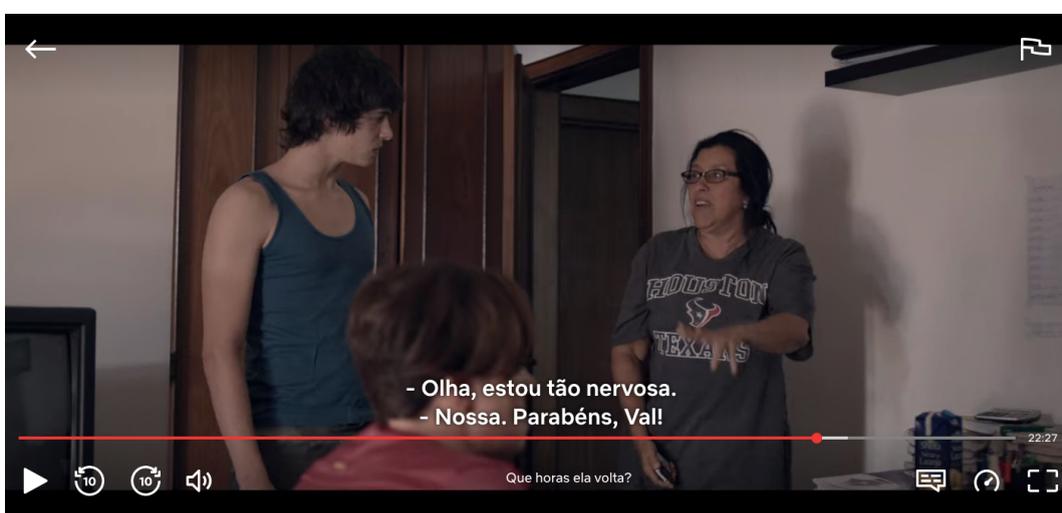
A segunda cena a ser analisada para este trabalho, inicia quando já decorrida 1 hora e 29 minutos do filme, conforme mostra a Sequência 2, observa-se então, que Bárbara está no quarto consolando Fabinho, que está chateado pois não passou no vestibular, mas Val entra no cômodo tomada por agitação, nervosismo e ansiedade, para contar que Jéssica ligou para informar que havia passado no vestibular com 68 pontos. Claro que dona Bárbara e seu filho não são empáticos com essa notícia, pelo contrário, chegam até a esboçar um sentimento de inveja pelo ocorrido.

Sequência 2: Cena do filme *Que horas ela volta?*.



Fonte: *Que horas ela volta?* (Muylaert, 2015).

Sequência 2: Cena do filme *Que horas ela volta?*.



Fonte: *Que horas ela volta?* (Muylaert, 2015).

Esta cena representa um momento de mudança na vida de Jéssica, bem como na de Val, pois ambas rompem com paradigmas de suas próprias vidas, Val decide pedir demissão e ir morar com sua filha, e Jéssica, por sua vez, ao passar no vestibular representa frequentar um espaço o qual era, até pouco tempo atrás, destinado somente para pessoas brancas das elites. E, talvez Val nunca tenha pensado na possibilidade de sua filha estar cursando um ensino superior.

Conforme o último Censo da Educação Superior divulgado em 2019 pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - INEP⁷, o total de ingressantes em

⁷ Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - INEP. Disponível em: https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/resumo_tecnico_censo_da_educacao_superior_2019.pdf. Acesso em 07/11/2022.

instituições de ensino superior, sejam elas Federais, Municipais, Estaduais e Privadas, é de 3.633.320, de acordo com a Tabela 2.

Tabela 2: Número de ingressantes de graduação por categoria administrativa, segundo a organização acadêmica - Brasil 2019.

Organização acadêmica	Total	Categoria administrativa				
		Pública				Privada
		Total	Federal	Estadual	Municipal	
Total	3.633.320	559.293	362.558	172.345	24.390	3.074.027
Universidade	1.796.058	431.245	283.962	137.688	9.595	1.364.813
Centro universitário	1.100.312	5.906	449	505	4.952	1.094.406
Faculdade	659.922	45.114	1.119	34.152	9.843	614.808
IF e Cefet	77.028	77.028	77.028	n.a.	n.a.	n.a.

Fonte: Elaborada por Deed/Inep com base nos dados do Censo da Educação Superior.

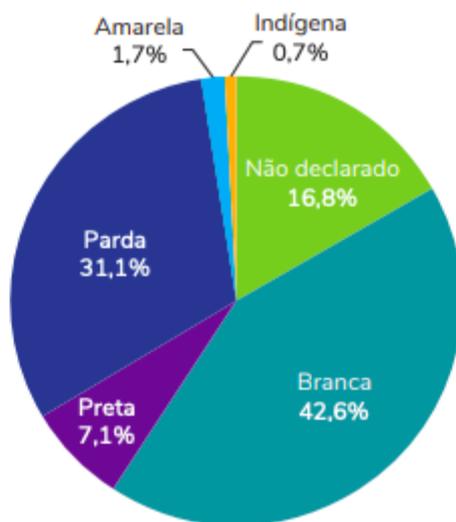
Em uma reunião no 27 de abril de 2021⁸, o então ministro da Economia, Paulo Guedes, foi gravado falando de forma pejorativa sobre o FIES ter concedido uma bolsa de estudos para o filho do seu porteiro, o qual não tinha capacidade de ler ou escrever, pois havia tirado nota zero na prova do vestibular. Esta afirmação do ministro é problemática em vários sentidos, entretanto, será focado aqui no fato de o ministro parecer estar intrigado pelo filho do porteiro estar frequentando um espaço que, do ponto de vista de Guedes, não é para ele. Nesse aspecto, pode-se afirmar que é considerado desonroso por parte de algumas pessoas trabalhar como porteiro ou como empregada doméstica, pois são duas profissões que remetem ao ato de servir alguém, normalmente pessoas que se encontram em níveis sociais hierárquicos superiores. Entretanto, sem desmerecer determinadas profissões, cabe destacar que é importante que filhos e filhas de porteiros e de empregadas domésticas não tenham seu destino predeterminado, mas que possam escolher entre diversas possibilidades profissionais, de maneira que muitas, pessoas são as primeiras da família a possuírem um diploma de curso superior.

Sobre as declarações de matrículas relacionadas com a variável cor e raça, é possível observar no Gráfico 1, que no ano de 2019 as pessoas declaradas brancas compõem a maior parte

⁸ Guedes critica Fies e diz que programa bancou até "filho de porteiro" que "zerou vestibular". Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sAoJzTb83gE>. Acesso em 22/05/2022.

de matrículas (42,6%), seguido por pessoas pardas 31,1%, pessoas pretas 7,1%, pessoas amarelas 1,7%, pessoas indígenas 0,7% e não declarado 16,8%.

Gráfico 1: Percentual de declarações relativas à variável cor/raça do aluno (em relação à matrícula) - Brasil - 2019.



Fonte: Elaborada por Deed/Inep com base nos dados do Censo da Educação Superior.

Mesmo que as desigualdades sociais tenham sua origem no sistema produtivo embasado na propriedade privada, bem como pela divisão do trabalho, que estão atrelados ao aparelho estatal e suas organizações de serviço público, como saúde, educação, segurança, etc., a função formativa, e a de desenvolvimento socioeconômico são relacionadas às escolas, ou ao ensino como um todo, que tem como intuito assegurar a participação de jovens na vida social que é caracterizada pelo globalismo, pela competição e pelo individualismo (Bernardim; Silva, 2017)

De acordo com Bernardim; Silva (2017), as juventudes podem ser caracterizadas pela busca da identidade própria, a qual é constituída por meio das interações sociais na escola e no trabalho, assim, é possível observar a existência de jovens que pensam em seus projetos de vida, apesar de questões socioeconômicas. Nesse sentido, há de se investir em políticas públicas abrangentes, as quais contemplem as mais distintas situações que prejudicam a trajetória na busca pela satisfação das necessidades dos jovens. Dessa maneira, diante de um sistema capitalista, é preciso que as políticas públicas sejam pensadas para atender as pessoas que mais sofrem com os

processos de marginalização, ou seja, os mais pobres da sociedade. Apesar de se dar uma atenção especial para a

[...] importância exclusiva do trabalho e da formação do sujeito para a produção e reprodução da existência humana, precisamos considerar o jovem e o adulto trabalhador como um ser complexo que não limita suas ações à constituição da sua materialidade, senão também da construção da sua estética, compreendida como o desejo de se expressar como sujeito do seu tempo (Bernardim; Silva, 2017, p. 695).

Por fim, foram feitas buscas em blogs e em sites de notícias para encontrar e coletar os documentos externos ao filme, ou seja, os instrumentos documentais⁹, para tanto, foram utilizadas as seguintes palavras-chave: *Que horas ela volta?*; Anna Muylaert; Educação e Ensino superior. Dessa maneira, mesmo utilizando palavras chave para direcionar a busca de documentos que abordam sobre o filme e sua relação com a educação, também foram encontrados documentos os quais discutem sobre o trabalho doméstico, maternidade e feminismo, temas bastante fortes no filme. Todavia, para esta pesquisa, optou-se por utilizar para análise os 9 documentos listados no Apêndice deste trabalho, tendo em vista sua abordagem narrativa na área da educação.

Portanto, a partir da coleta de documentos os quais enfatizam a relação do filme *Que horas ela volta?* (Muylaert, 2015) com a área da educação, é possível perceber que existem documentos que foram publicados em 2015, ano de lançamento do filme, contudo, existem documentos os quais foram publicados anos depois, em 2022, evidenciando a relevância desta obra cinematográfica para as questões atuais. Apesar da efemeridade de sucesso e de debates em torno de alguns audiovisuais que são lançados, é possível afirmar que o filme *Que horas ela volta?* (Muylaert, 2015) é memorável tanto no que tange aos seus aspectos técnicos e estéticos, quanto na sua abordagem de temas de cunho social relativos ao Brasil, assim sendo, a colunista Nina Lemos utiliza, no documento de número 1, a obra de Anna Muylaert para dar sustentação aos argumentos do seu texto. A colunista se indaga o porquê de ter virado notícia e causa de espanto o fato de o ator Babu Santana (um homem negro) estar pagando 1,5 mil reais a faculdade da filha, nesse sentido, Nina Lemos destaca o racismo atrelado diretamente ao incômodo por parte de algumas pessoas com essa notícia. O fato de pessoas negras estarem frequentando o mesmo espaço que pessoas brancas e elitistas gera desconforto, e a colunista conta que a obra *Que horas ela volta?* (Muylaert, 2015) retrata isso de forma venerável, principalmente na cena em que a dona Bárbara

⁹ Para além de textos em blogs e em sites de notícias sobre o filme *Que horas ela volta?* (Muylaert, 2015), é importante ressaltar que existem diversas pesquisas acadêmicas em torno desta obra audiovisual, contudo, o objetivo deste trabalho não é elaborar um apanhado delas.

entra em choque ao saber que Jéssica passou no vestibular da USP enquanto seu filho não.

Além disso, é possível perceber que em alguns trechos e até mesmo em títulos dos documentos, sendo eles 2, 5 e 6, foram estabelecidas relações entre momentos políticos específicos do Brasil e a educação, de maneira que são citados os governos Lula e Dilma como uma época em que as classes populares passaram a ter o acesso ao ensino superior ampliado devido à aplicação de políticas públicas.

Também, nos documentos 3, 4, 7, 8 e 9 é relacionado o filme em estudo, com a educação e as diferenças sociais existentes no Brasil contemporâneo, mas que têm origem décadas atrás. Conforme ressalta Salata (2018), até 1930, no Governo de Getúlio Vargas, quando foi criado o Ministério dos Negócios da Educação e Saúde Pública, no Brasil não existia nenhuma universidade, contudo, por conta das mudanças sociais, do amadurecimento econômico, e das reformas institucionais, o sistema de ensino cresceu rapidamente. Posterior a isso, até meados de 1960 o desenvolvimento da educação secundária acompanhava o ritmo do Ensino Superior, porém, depois da reforma de 1971, ocorreu um desencontro, de maneira que o crescimento da educação secundária passou a ser mais rápido em relação ao Ensino Superior, e já em 1980, o Ensino Superior teve sua expansão estagnada. Por conta desse contraste no ritmo de desenvolvimento, dos níveis fundamental e médio e do Ensino Superior, passou a se desenvolver uma competição para acessar o último nível de ensino, de maneira que as pessoas oriundas de classes médias e superiores eram favorecidas.

A escolaridade alcançada pelos indivíduos é, conforme já amplamente demonstrado por inúmeros estudos, no Brasil e no exterior, uma variável chave para a explicação das desigualdades na sociedade contemporânea, constituindo-se como fator crucial para as chances de os indivíduos conseguirem emprego, para o status da ocupação obtida e, também, para os rendimentos auferidos por meio desta. Mais especificamente, o ingresso no Ensino Superior e sua conclusão se consolidaram, nas últimas décadas, como um dos principais meios através dos quais os estratos mais elevados da sociedade brasileira garantem o acesso, seu e de seus filhos, às posições sociais mais valorizadas e bem remuneradas (Hasenbalg, 2003 apud Salata 2018).

Dessa forma, de acordo com Salata (2018), o Ensino Superior começou a se expandir novamente em meados de 1990, em especial por causa da implementação de políticas públicas que tinham como objetivo democratizar o acesso ao Ensino Superior, como por exemplo o sistema de cotas, o Programa Universidade para Todos (Prouni) e o Fundo de Financiamento Estudantil (Fies). É válido destacar que o sistema de cotas ganhou propulsão em 2012, com a sanção da lei n. 12.711, a qual obriga instituições federais a destinar 50% das suas vagas para estudantes provindos

do Ensino Médio público, interseccionando critérios como de raça e de renda. Por sua vez, o Prouni que foi transformado na lei n. 11.096 em 2005, tem como objetivo conceder bolsas de estudo integrais ou parciais para estudantes, e, por fim, o Fies, que foi regulamentado em 1999, tem como objetivo fornecer financiamento para estudantes matriculados em instituições de ensino superior privadas.

Feita a análise de cenas do filme, o próximo subcapítulo irá discorrer sobre uma proposta didática para ser desenvolvida em aula, tendo em vista o estudo das políticas públicas.

4.1 Proposta didática

Neste subcapítulo é apresentada uma proposta didática partindo da narrativa filmica *Que horas ela volta?* (Muylaert, 2015) e embasada no conceito de *Design Thinking*. Esta proposta didática pode ser conduzida junto a estudantes de cursos de licenciatura para fomentar debates acerca de políticas públicas educacionais de acesso e de permanência no ensino superior.

O filme *Que horas ela volta?* (Muylaert, 2015) teve um final feliz e satisfatório, pois Jéssica passou no vestibular, foi morar com sua mãe e com seu filho em uma casa e organizou sua vida para iniciar uma nova rotina de estudos na universidade, porém, vamos supor outros quatro desfechos diferentes para o fim deste filme, cada desfecho será um desafio diferente para ser resolvido em grupo.

Desfecho 1: Jéssica é uma jovem nordestina que estudou toda sua vida em escola pública, Jéssica tem um filho pequeno e possui pouco contato com sua mãe. Jéssica tem o sonho de estudar uma graduação em Arquitetura na USP, porém quando conseguiu a aprovação que tanto desejava descobriu que estava grávida novamente.

Desfecho 2: Jéssica é uma jovem nordestina que estudou toda sua vida em escola pública, Jéssica tem um filho pequeno e possui pouco contato com sua mãe. Jéssica tem o sonho de estudar uma graduação em Arquitetura na USP, porém após ser aprovada ao final do primeiro semestre da graduação ela foi denunciada por alguém e foi convocada pela comissão de heteroidentificação para o processo de análise de sua matrícula por meio da cota de parda e de estudante de escola pública.

Desfecho 3: Jéssica é uma jovem nordestina que estudou toda sua vida em escola pública, Jéssica tem um filho pequeno e possui pouco contato com sua mãe. Jéssica tem o sonho de estudar

uma graduação em Arquitetura na USP, porém sua mãe que mora em São Paulo não ofereceu apoio nem ajuda financeira após a aprovação na vaga da faculdade. Jéssica precisa de um lugar para morar, de creche para seu filho, além de renda para os demais gastos.

Desfecho 4: Jéssica é uma jovem nordestina que estudou toda sua vida em escola pública, Jéssica tem um filho pequeno e possui pouco contato com sua mãe. Jéssica tem o sonho de estudar uma graduação em Arquitetura na USP, porém após entrar na faculdade, no segundo ano de curso, ela começa a não atingir a nota mínima para passar no semestre, isso acontece, principalmente porque os projetos do curso demandam alto custo financeiro para compra de materiais, além do que, e as referências estéticas de projetos propostos pelos professores não são acessíveis para Jéssica conhecer pessoalmente, pois ela precisaria viajar para outros estados e/ou países.

Agora que os desafios estão definidos, o educador(a) precisa criar um plano de trabalho adaptando o *Design Thinking* à disponibilidade de tempo que possui em aula. É possível estimar desenvolver a metodologia em dois dias diferentes de aula, ao longo de uma semana, ao longo de um mês ou ao longo do semestre. Para definir o cronograma de trabalho, é importante ter em conta diversos fatores como o perfil da turma, a quantidade de alunos e a complexidade do projeto. Quem for conduzir esta dinâmica precisa se comprometer com os prazos estabelecidos bem como precisa deixar os objetivos bem claros. É interessante combinar com a turma para que façam entregas regulares, para assim, manterem o engajamento com a atividade (KIT DT, 2014).

Tenha em conta que a metodologia do *Design Thinking* é um processo visual, tático e experiencial, por isso é importante que os(as) estudantes tenham sempre à sua disposição materiais como papéis coloridos, tesouras, lápis de cor, canetinhas, cartolinas e papéis adesivos, os quais auxiliam o desenvolvimento do raciocínio e a explicação de ideias (KIT DT, 2014).

Tendo isto em vista, o(a) educador(a) precisa fazer uma sessão de cinema em aula com a turma para exibir o filme *Que horas ela volta?* (Muylaert, 2015), feito isso, é preciso dividir a turma em grupos de no máximo três componentes e depois sortear cada um dos desfechos acima (desfecho 1, desfecho 2, desfecho 3 e desfecho 4) para cada grupo. Caso seja necessário, é possível que grupos diferentes tenham o mesmo desfecho, assim, pode-se analisar as semelhanças e diferenças de como cada grupo conduziu a solução do mesmo problema. Agora, o(a) educador(a) deve conduzir junto com os(as) alunos(as) as fases e os passos da metodologia do *Design*

Thinking, que serão explicados a seguir. Para mais detalhes de cada etapa, é recomendado consultar o livro intitulado *Design Thinking para Educadores*¹⁰.

Antes de tudo, é importante destacar que o *Design Thinking*, de acordo com Vianna et al. (2012), é caracterizado por uma série de métodos que buscam identificar problemas e solucioná-los, priorizando o trabalho entre equipes e a multidisciplinaridade, de maneira que os seres humanos fiquem no centro do processo. O *Design Thinking* diz respeito à forma como o *designer* pensa, a qual é pouco convencional no meio empresarial, tendo em vista que este pensamento busca formular perguntas a serem respondidas a partir do entendimento de dados coletados por meio de observações de fenômenos específicos.

O *Design Thinking* além de ser um método focado nos seres humanos, se trata de uma proposta humana em si mesma, de maneira que este método se propõe a pensar soluções funcionais, mas que agreguem no seu processo o aspecto emocional também. A proposta do *Design Thinking* é utilizar a capacidade das pessoas de serem intuitivas, de reconhecerem padrões e de desenvolverem ideias, mas que muitas vezes, por conta de processos rígidos e lineares de resolução de problemas, estas capacidades são negligenciadas no cotidiano. Portanto, o *Design Thinking*, é o equilíbrio e o uso concomitante de sentimentos, da intuição e da inspiração com o pensamento racional e analítico (BROWN, 2018).

Ainda, para Munhoz (2019), a empatia é uma prática muito importante no *Design Thinking*, de maneira que ser empático significa tentar entender os sentimentos e emoções da pessoa que se encontra diante de determinado problema. Sendo assim, a empatia pode fazer com que se compreenda melhor a situação da outra pessoa, podendo desenvolver soluções para os problemas da maneira mais adequada possível. Para esclarecer melhor o conceito de empatia em aula, sugere-se a exibição do vídeo *O Poder da Empatia (Animações RSA) - Dr Brené Brown*¹¹.

Ao integrar o desejável do ponto de vista humano ao tecnológica e economicamente viável, os designers têm conseguido criar os produtos que usufruímos hoje. O design thinking representa o próximo passo, que é colocar essas ferramentas nas mãos de pessoas que talvez nunca tenham pensado em si mesmas como designers e aplicá-las a uma variedade muito mais ampla de problemas (Brown, 2018, p. 23).

¹⁰ *Design Thinking para Educadores*. Disponível em: <https://educadigital.org.br/dteducadores/>. Acesso em: 10/02/2023.

¹¹ O Poder da Empatia (Animações RSA) - Dr Brené Brown. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Q6rAV_7J5T0. Acesso em 23/05/2022.

Nesse sentido, o *Design Thinking* pode ser utilizado para solucionar qualquer desafio, tanto é que este modelo de pensamento passou a ser utilizado na área da Educação também. Para solucionar desafios, existe uma série de etapas referentes ao processo do *Design Thinking*, que são apresentadas na Figura 1, estas etapas não precisam ser seguidas exatamente na ordem em que estão, pois elas podem ser adaptadas e combinadas com outras metodologias ou teorias as quais cada educador(a) julgar relevante para se desenvolver o pensamento e as ideias (KIT DT, 2014).

Figura 1: Processo de *Design Thinking*.

FASES				
1	2	3	4	5
DESCOBERTA	INTERPRETAÇÃO	IDEAÇÃO	EXPERIMENTAÇÃO	EVOLUÇÃO
				
Eu tenho um desafio. Como posso abordá-lo?	Eu aprendi alguma coisa. Como posso interpretá-la?	Eu vejo uma oportunidade. Como posso criar?	Eu tenho uma ideia. Como posso concretizá-la?	Eu experimentei alguma coisa nova. Como posso aprimorá-la?
PASSOS				
1-1 Entenda o desafio	2-1 Conte histórias	3-1 Gere ideias	4-1 Faça protótipos	5-1 Acompanhe o aprendizado
1-2 Prepare a pesquisa	2-2 Procure por significados	3-2 Refine ideias	4-2 Obtenha feedback	5-2 Avance
1-3 Reúna inspirações	2-3 Estructure oportunidades			

Fonte: KIT DT, p. 15, 2014.

Conforme a Figura 1, o processo do *Design Thinking* é composto por 5 fases (descoberta, interpretação, ideação, experimentação e evolução), de maneira que cada fase possui passos a serem seguidos para sua execução (KIT DT, 2014). Nesse sentido, para melhor entendimento e visualização das fases e de seus respectivos passos, foram elaboradas as seguintes tabelas.

Tabela 3 - Fase 1: descoberta

Fase 1: Descoberta		
1. Entenda o desafio	2. Prepare a Pesquisa	3. Colete inspirações
Revise o desafio	Identifique as fontes de inspiração	Mergulhe no contexto
Compartilhe o que você sabe	Selecione participantes da pesquisa	Procure inspiração em ambientes similares
Monte sua equipe	Elabore um roteiro de perguntas	Aprenda com especialistas
Defina seu público	Prepare-se para o trabalho de campo	Aprenda com usuários
Refine seu plano		

Fonte: KIT DT, 2014. Elaborado por: Rigoni, 2023.

A Tabela 3 é referente à fase 1 de descoberta, sendo que o primeiro passo deve ser feito em grupo, e diz respeito à revisão do desafio para que ele fique claro entre todos(as) componentes, podem ser feitas conversas e anotações sobre o tema do desafio. Posteriormente, os integrantes do grupo precisam compartilhar tudo o que sabem sobre determinado tema, é importante que todas as informações sejam anotadas em um papel e depois lidas em voz alta. A próxima etapa é montar sua equipe, esta etapa é importante para que os componentes do grupo se conheçam, também podem ser estabelecidas regras internas do grupo e podem ser estabelecidos objetivos individuais e coletivos. Então, o grupo deve definir seu público buscando compreender quais vidas serão impactadas com a resolução dos desafios. Por fim, o grupo deve refinar o plano estabelecendo cronograma de reuniões e definindo as responsabilidades de cada componente (KIT DT, 2014).

No segundo passo, o de preparação da pesquisa, o grupo deve identificar sua fonte de inspiração, ou seja, enumerar pessoas ou outras fontes com quem desejam aprender sobre o tema do desafio. Consecutivamente, os participantes da pesquisa devem ser selecionados(as), sendo que é importante pensar em como conduzir uma entrevista assertiva com cada participante, por isso, cada grupo deve elaborar um roteiro de perguntas para aproveitar ao máximo a entrevista,

conseguindo informações relevantes. Por fim, o grupo precisa se preparar para o trabalho de campo tendo em conta todos os detalhes (data, hora, local, quem conduzirá a entrevista, quem irá gravar a entrevista, etc.) (KIT DT, 2014).

No último passo da etapa 1, o grupo precisa coletar inspirações, mergulhar no contexto, isto significa que o grupo precisa escolher um local onde possa emergir no tema do desafio, é importante documentar tudo o que é percebido e visto neste passo. Depois, é interessante que o grupo procure inspirações em ambientes semelhantes, para conseguir outro ponto de vista sobre o tema. Os especialistas também são uma ótima fonte de informação, por isso, o grupo deve conversar com quem entende em profundidade do assunto. Por fim, o grupo deve aprender com os usuários, pois isto aumenta o entendimento sobre as suas necessidades (KIT DT, 2014).

Tabela 4 - Fase 2: Interpretação

Fase 2 - Interpretação		
1. Conte histórias	2. Procure por significados	3. Estructure oportunidades
Documente seus aprendizados	Encontre temas	Crie um lembrete visual
Compartilhe histórias inspiradoras	Decifre descobertas	Transforme insights em ações
	Defina <i>Insights</i>	

Fonte: KIT DT, 2014. Elaborado por: Rigoni, 2023.

A Tabela 4 representa a fase 2 de interação, de maneira que o primeiro passo é contar histórias, por isso, após coletar os dados e fazer as observações, os(as) integrantes do grupo estarão com muitas informações novas as quais precisam ser documentadas, ou seja, anotadas em papéis, e então cada integrante do grupo precisa compartilhar as histórias inspiradoras e que mais chamaram sua atenção (KIT DT, 2014).

Por conseguinte, o segundo passo diz respeito à procura de significados, portanto, a partir da ampla gama de novas informações, cada grupo deve dividir os dados coletados em temas, verificando padrões, superposições e tensões, para assim, poder decifrar as descobertas, proporcionando um melhor entendimento acerca dos dados coletados na pesquisa. Por fim, o

grupo precisa definir seus insights (percepções) a partir das informações inesperadas que surgiram até esta etapa (KIT DT, 2014).

Finalmente, o último passo diz respeito à estruturação de oportunidades, de maneira que o grupo precisa expressar seu aprendizado em diferentes esquemas (tabelas, infográficos, fluxogramas, mapas mentais, etc.). Por último, cada grupo precisa transformar seus *insights* em ações, ou seja, criar perguntas relevantes em torno dos *insights* (KIT DT, 2014).

Tabela 5 - Fase 3: ideação

Fase 3 - Ideação	
1. Gere ideias	2. Refine ideias
Prepare-se para o <i>brainstorming</i>	Promova um choque de realidade
Facilite o <i>brainstorming</i>	Descreva sua ideia
Selecione ideias promissoras	
Esboce para pensar	

Fonte: KIT DT, 2014. Elaborado por: Rigoni, 2023.

Na fase 3 de Ideação o primeiro passo é para gerar ideias, assim, o grupo precisa se organizar para iniciar o *brainstorming* (chuva de ideias), por isso, é aconselhável que se disponha de um espaço no qual as pessoas fiquem confortáveis para focarem no desenvolvimento das suas ideias, é importante que cada grupo tenha um espaço dinâmico para transitar, bem como para ir anotando as ideias e deixá-las de forma visível para todos componentes terem acesso (KIT DT, 2014).

Tabela 6 - Fase 4: experimentação

Fase 4 - Experimentação	
1. Faça protótipos	2. Obtenha <i>feedback</i>
Crie um protótipo	Identifique fontes para <i>feedback</i>
	Selecione participantes
	Construa um roteiro de perguntas
	Facilite as conversas de <i>feedback</i>
	Documente os aprendizados do <i>feedback</i>
	Integre o <i>feedback</i>
	Identifique as necessidades

Fonte: KIT DT, 2014. Elaborado por: Rigoni, 2023.

O primeiro passo da fase 4 de experimentação, contemplada pela Tabela 6, diz respeito à criação de protótipos, ou seja, o grupo tem que desenvolver um exemplo tangível da sua ideia, pode ser um documento escrito, pode ser um projeto de lei, pode ser uma maquete, pode ser um infográfico, etc. Lembre-se que esta é uma parte fundamental do processo de *Design Thinking*, pois permite que as ideias geradas durante a fase de ideação sejam aprimoradas com base no *feedback*, que é a opinião das pessoas sobre o protótipo. Portanto, o segundo passo para validar o protótipo é por meio deste *feedback*, sendo que o grupo deverá inicialmente pensar para quem será apresentado o protótipo, uma dica é apresentar para os colegas de aula, para os professores ou para pessoas experts na área. Em equipe, o grupo precisa pensar em um roteiro de perguntas para que as pessoas que observaram o protótipo consigam dar respostas construtivas. É importante fazer com que os participantes se sintam confortáveis para interagir naturalmente com o protótipo desenvolvido, o grupo precisa anotar todas as informações obtidas nesta etapa para utilizar o *feedback* como uma forma de inspiração para aprimorar o protótipo (KIT DT, 2014).

Tabela 7 - Fase 5: Evolução

Fase 5 - Evolução	
1. Acompanhe o aprendizado	2. Avance
Defina sucesso	Planeje os próximos passos
Documente o progresso	Envolva outras pessoas
	Construa uma comunidade

Fonte: KIT DT, 2014. Elaborado por: Rigoni, 2023.

Por fim, a fase 5, de Evolução é apresentada na Tabela 7, nesta fase as soluções são implementadas e avaliadas. O primeiro passo é definir o que significa sucesso para o grupo, podem ser utilizadas as seguintes perguntas para guiar este passo: o protótipo que o grupo desenvolveu está sendo usado por alguém? O grupo atingiu os objetivos?. Assim, os integrantes precisam documentar o progresso que observado, para depois avançar planejando os próximos passos a partir da organização de um cronograma com objetivos a serem cumpridos, é interessante envolver outras pessoas, para que acrescentem positivamente a equipe, além disso, construir uma comunidade que possa ser seu ponto de apoio e de troca de conhecimento sobre determinado assunto é fundamental. (KIT DT, 2014).

5. Considerações finais

Nesta perspectiva, a partir da aplicação da proposta metodológica intitulada Análise do Filme, de Jacques Aumont e Michel Marie (1993) para se analisar o filme *Que horas ela volta?* (Muylaert, 2015), percebe-se, a partir dos documentos descritivos e dos documentos citacionais das duas cenas analisadas, que esta obra relaciona o preconceito de classe com o acesso ao ensino superior, mostrando incômodo por parte de uma família de classe média ao saber que a filha da empregada doméstica da casa pretende prestar vestibular em uma concorrida universidade, esse incômodo se agrava ainda mais quando Jéssica é aprovada na prova, enquanto Fabinho não. Por sua vez, os instrumentos documentais que são externos ao filme, como matérias de blogs e de

jornais, relacionam o filme com momentos políticos do Brasil, bem como com o histórico da educação no país e com as desigualdades sociais de acesso e de permanência no ensino superior.

Nesse sentido, o filme retrata um Brasil desigual, e apesar de existirem diversas políticas públicas as quais estimulam o acesso de pessoas de classes baixas ao ensino superior, ainda há um longo caminho a ser percorrido, em especial, se observarmos a conjuntura político-econômica atual do país em que a desigualdade na distribuição de renda é cada vez maior, os custos de vida estão elevados, e existe pouco investimento em educação pública e de qualidade.

Também, a obra cinematográfica *Que horas ela volta?* (Muylaert, 2015), perpassa por diversas discussões sociais e históricas relevantes, como o feminismo, a violência contra a mulher, o racismo, a xenofobia e o trabalho doméstico, que não foram abordados neste trabalho, porém, que podem servir como base para o desenvolvimento de outras pesquisas.

Ademais, ressalva-se a importância de utilizar materiais audiovisuais de maneira adequada para despertar a curiosidade, incentivar o pensamento crítico, estimular a pesquisa, assim como encorajar o trabalho em equipe. Neste artigo, a utilização do filme como abordagem didática foi baseada na metodologia do *design thinking*, mas vale ressaltar que a proposta didática apresentada aqui pode ser adaptada e aperfeiçoada, além de que, estimula-se o desenvolvimento de outras metodologias didáticas em torno do uso de audiovisuais em aula para se debater qualquer que seja o assunto.

O uso do filme no espaço acadêmico tem como objetivo do(a) professor(a) sensibilizar o olhar dos(as) estudantes, com o propósito de aumentar a cultura visual e narrativa, fomentando o pensamento crítico diante de obras audiovisuais. As análises coletivas em sala de aula estimulam o encontro de diferentes pontos de vista sobre o mesmo filme, estimulando o senso crítico bem como a argumentação, mostrando que existem diversas formas de se olhar para o mesmo objeto (MEDEIROS, 2016).

7. Referências Bibliográficas

AUMONT, Jacques.; MARIE, Michel. **Análisis del film**. 2. ed. Barcelona: Paidós, 1993.

BERNARDIM, Márcio Luiz; SILVA, Monica Ribeiro. Juventude(s) e Ensino Médio: da inclusão escolar excludente aos jovens considerados nem-nem. **Revista Contrapontos**. V. 17, n.4 (2017), p. 688-704. Leia em: <https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rc/article/view/10265/6972>. Acesso em 22/05/2022.

BRASIL. **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep)**. Censo da educação superior 2019: resumo técnico. Brasília: Inep, 2019. Disponível em: https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/resumo_tecnico_censo_d_a_educacao_superior_2019.pdf. Acesso em: 07/01/2022.

BRASIL. **Cinemateca Brasileira**. Acervo da Filmografia Brasileira da Cinemateca Brasileira. Disponível em: <http://bases.cinemateca.gov.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/>. Acesso em 20/09/2021.

BRASIL. **Control F5 Marketing**. Mapa da empatia. Disponível em: <https://controlf5mkt.com.br/blog/mapa-de-empatia-atualizado/>. Acesso em 26/05/2022.

BROWN, Tim. **Design thinking: uma metodologia poderosa para decretar o fim das velhas ideias**. Rio de Janeiro: Alta Books, 2018.

COSTA, Antonio. **Compreender o cinema**. São Paulo: Globo, 1989.

CURY, Carlos Roberto Jamil. A Educação nas Constituintes brasileiras. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara. **Histórias e Memórias da Educação no Brasil**, vol. III – Petrópolis, RJ: Vozes, 2005, p.19-29.

Gil, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, Doris; MORETTI-PIRES, Rodrigo Otávio; e FINKLER, Mirelle. Que horas ela volta? Análise bioética sobre gênero e classe. **Revista Bioética** [online]. 2020, v. 28, n. 4, pp. 619-627. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1983-80422020284425>. Epub 20 Jan 2021. ISSN 1983-8034. <https://doi.org/10.1590/1983-80422020284425>. Acesso em 18/05/2022.

KIT DT. **Design Thinking para Educadores**. 1. ed. Versão em Português: Instituto Educadigital, 2014. Disponível em: <<http://www.dtparaeducadores.org.br/>> Acesso em: 20 dez. 2014.

LIMA, Mariana Martinelli de Barros. **A ruptura da doxa no longa que horas ela volta**: análise dos três atos da poder simbólico e o mergulho na piscina do Morumbi. 2017. 1 recurso online (127 p.) Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências

Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1633502>. Acesso em: 21/05/2022.

MEDEIROS, Rosângela F. (2017). Que horas ela volta? (2015), de Anna Muylaert: Pode a empregada doméstica falar?. **Revista De Educación Superior Del Sur Global - RESUR**, (2), 132–151. Disponível em: <https://www.iusur.edu.uy/publicaciones/index.php/RESUR/article/view/27>. Acesso em: 28/05/2022.

MOURA, Henrique Dante; BENACHIO, Costacurta Elizeu. Reforma do Ensino Médio: Subordinação da formação da classe trabalhadora ao mercado de trabalho periférico. In: **Trabalho Necessário**. V.19, no 39, 2021 (maio-agosto). ISSN: 1808-799 X. Acesso em: 28/05/2022.

MUNHOZ, Antonio Siemsen. **Aprendizagem ativa via tecnologias**. Curitiba: InterSaberes, 2019.

MUYLAERT, Anna, diretora. **Que horas ela volta?** [longa-metragem]. São Paulo: Pandora Filmes; 2015. 114min., som, cor.

PIMENTEL, Lucilla da Silveira Leite. **Educação e cinema: dialogando para a formação de poetas**. São Paulo: Cortez editora, 2011.

SALATA, André. Ensino Superior no Brasil das últimas décadas: redução nas desigualdades de acesso? **Tempo Social** [online]. 2018, v. 30, n. 2, pp. 219-253. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2018.125482>>. ISSN 1809-4554. <https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2018.125482>. Acesso em 17/05/2022.

SILVA, Monica Ribeiro. A BNCC da reforma do ensino médio: o resgate de um empoeirado discurso. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v.34, p. 1-15, 2018.

VIANNA, Mauricio et al. **Design thinking: inovação em negócios**. Rio de Janeiro: MJV Press, 2012.

Youtube. Como usar Design Thinking em Sala de Aula? Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=6kUjHR1F_BM. Acesso em 23/05/2022.

Youtube. Entrevista de Ana Muylaert. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eNpR1xgWwQs>. Acesso em 20/09/2021.

Youtube. Guedes critica Fies e diz que programa bancou até "filho de porteiro" que "zerou vestibular". Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sAoJzTb83gE>. Acesso em 22/05/2022.

Youtube. O Poder da Empatia (Animações RSA) - Dr Brené Brown. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Q6rAV_7J5T0. Acesso em 23/05/2022.

Youtube. Trailer do filme *Que horas ela volta?* disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=Dffs46VCJ_g. Acesso em 29/08/2021/. Acesso em: 29/08/2021.

TARTAGLIA, Leonara Margotto; SILVA, Erineusa Maria da, Entrevista com Monica Ribeiro da Silva: a contrarreforma do ensino médio. **Linhas Críticas** [Internet]. 2019; 25 (2019): Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=193567256014>. Acesso em 13/05/2022.

Apêndice

Apêndice 1: Documentos externos ao filme.

Título do documento	Autor(a)	Data de publicação	Link de acesso	Trechos Destacados
<p>Notícia de que Babu paga faculdade para filha viraliza. Por que o espanto?</p>	<p>Nina Lemos</p>	<p>09/05/2022</p>	<p>https://www.uol.com.br/universa/colunas/nina-lemos/2022/05/09/noticia-de-que-babu-paga-faculdade-para-filha-viraliza-por-que-o-espanto.html</p>	<p>"Mas o racismo está nos detalhes, já nos ensinaram vários pensadores negros. E, como mulher branca, já ouvi, e talvez vocês também, comentários do tipo. "Nossa, a família do fulano foi para a Europa" (choque!) . E o pior: "nossa, a empregada doméstica da minha casa está pagando faculdade para a filha" (mais choque ainda, principalmente se for uma faculdade melhor que a do filho da "patroa")".</p> <p>"Essa situação foi retratada com brilhantismo no filme "Que Horas Ela Volta?", de Anna Muylaert (recomendo muito). Na história, a madame surta quando vê que a filha da empregada entrou na USP, enquanto seu filho, que estudou nas melhores escolas, não entrou em nenhuma".</p>
<p>Especialistas analisam 'Que Horas Ela Volta?'; filme reproduz avanços dos anos de governo Lula e Dilma</p>	<p>Malu Dacio</p>	<p>03/03/2022</p>	<p>https://aamazonia.com.br/especialistas-analisam-que-horas-ela-volta-filme-reproduz-avancos-dos-anos-de-governo-lula-e-dilma/</p>	<p>"Contextualizando, tanto a filha de Val (Regina Casé) como o filho de sua patroa estão prestando o mesmo vestibular. Apesar de não ser para o mesmo curso, ambos realizam a mesma prova, pois, a primeira etapa é a etapa de conhecimentos gerais e apenas a filha da personagem de Regina Casé passa para a segunda etapa".</p> <p>"Segundo o jornalista, é um bom exemplo para demonstrar a diferença de realidade de muitos estudantes no Brasil".</p> <p>"Ressalto que aqui não se trata de meritocracia, pois é nítido que a filha de Regina Casé estudou mais do que o filho da patroa. Mas, sim, de perceber as diferentes realidades que ambos</p>

				<p>vivem. É extremamente necessário sistemas de ingresso ao ensino superior público que possam equiparar essas diferenças sociais. A filha da personagem de Regina Casé é uma das poucas que conseguiu ir contra as estatísticas de diversos jovens que não possuem as mesmas oportunidades que jovens de classe média alta, por exemplo”, conta".</p> <p>“Até os anos 80 e começo dos anos 90, a universidade pública esteve a serviço exclusivo dos interesses das elites e da classe média. As classes populares não chegavam aos bancos das faculdades públicas, de jeito nenhum. E um modelo de gestão, de vestibular, etc, impedia que qualquer estudante pobre, da periferia, conseguisse chegar ali”, explica.</p> <p>"Ele salienta que não foi obra do PT e nem do Lula, mas que a Constituição de 88 começou a apontar para a necessidade de uma escola pública universal, e é a CF/88 que define o financiamento da educação pública brasileira, assim como definiu o financiamento da saúde pública; “e passou a estabelecer investimentos mínimos que o Estado, a União e os municípios deveriam fazer com a educação. E isso fez com que ela se popularizasse. Mas, quando a escola pública passou a se popularizar, passou a ser ofertada, universalmente, ela deixou de ser uma ferramenta importante de reprodução do interesse das elites”, definiu Luiz".</p>
Três filmes brasileiros na Netflix que farão você enxergar o cinema nacional com outros olhos	Enio Vieira	01/03/2022	https://www.revistabula.com/48868-tres-filmes-brasileiros-na-netflix-que-farao-voce-enxergar-o-cinema-nacional-com-outros-olhos	A jovem Jessica é a intrusa que sacode a vida maçante dos patrões ricos de sua mãe. Seu objetivo é entrar para a faculdade de arquitetura da Universidade de São Paulo (USP), um dos berços da classe média radical no país. No final, ocorrem a acomodação

			m-outros-olhos /	e a resolução do conflito, bem à moda do cinema de Bruno Barreto (“Dona Flor e Seus Dois Maridos”) e de Arnaldo Jabor (“Tudo Bem”). Este último, aliás, foi o eterno cronista (apologista?) dos sonhos e ressentimentos da classe média.
Que Horas Ela Volta?	Aristóteles Berino	28/03/2016	http://aristotelesberino.blogspot.com/2016/03/que-horas-ela-volta.html	<p>"Quando Jéssica é apresentada pela mãe, a família de Fabinho se surpreende. Ela diz que pretende ingressar no curso de Arquitetura da prestigiada FAU. “Dr. Carlos” pergunta a razão de escolher Arquitetura. Depois de sondar algumas possibilidades para a sua escolha, Jéssica observa que acredita na importância de “ter um diploma” e emenda dizendo que a “arquitetura é um instrumento de mudança social”."</p> <p>"Bárbara, entre a surpresa e algum desconforto, diz: “Tá vendo? O país tá mudando mesmo”.</p> <p>Dirigido por Anna Muylaert, é também o único que não tem “cenas de escola”. O tema educação aparece de outro modo, não menos importante. Pelo contrário, sua aparição no filme é questionadora dos jogos de visibilidade-invisibilidades que cercam a sociedade brasileira a propósito dos seus temas mais fundamentais".</p> <p>"Ao lado de Casa Grande, o filme de Anna Muylaert discute os efeitos de transitoriedade que os governos do PT causaram na sociedade brasileira, assinalando especialmente o campo da educação como um dos mais beneficiados para as classes populares. E, curiosamente, os dois filmes colocam em questão essa problemática através do cenário das relações sociais no interior das residências em que vivem os patrões na companhia dos seus empregados".</p>

<p>“Que horas ela volta?” o filme que melhor explica os anos Dilma e Lula estreia na Netflix</p>	<p>Julinho Bittencourt</p>	<p>01/03/2022</p>	<p>https://revistaforum.com.br/cultura/2022/3/1/que-horas-ela-volta-filme-que-melhor-explica-os-anos-dilma-lula-estreia-na-netflix-110821.html</p>	<p>"Para completar a história, o filho da família, o menino Fabinho (Michel Joelsas) também vai fazer o mesmo vestibular e, portanto, disputar a vaga com Jéssica, a filha da empregada. Como se não bastasse isso tudo, a menina ainda sofre assédio do pai da família, uma espécie de fantasma da casa interpretado de maneira magnífica pelo escritor, ator e dramaturgo Lourenço Mutarelli."</p>
<p>Que horas ela volta?: Um filme 'subversivo'?</p>	<p>Fernando Pardal</p>	<p>Não consta data</p>	<p>https://esquerdaadiario.org/sip.php?page=gacetilla-articulo&id_article=3350</p>	<p>"Essa ficção se sustentou ao longo dos governos petistas a partir de uma forte propaganda, aliada a uma política governamental que colocou um ínfimo número de jovens nas universidades, sem, no entanto, mexer uma vírgula na estrutura educacional no Brasil. O fato de que o país apresentava um dos sistemas educacionais mais elitistas da América Latina, com uma porcentagem de jovens no ensino superior inferior a países muito mais pobres como México ou Bolívia, permitiu ao governo vender a imagem de uma pequena expansão precarizada como uma “revolução na educação”.</p> <p>"Os dois carros chefes dessa política foram o ProUni – que por meio de isenção de impostos tirava dinheiro das universidades públicas e transferia para as privadas em troca de concessão de bolsas – e o Reuni, a reforma universitária que garantiu um pequeno aumento de verbas para um desproporcional aumento de vagas sem garantir estrutura básica, contratação de professores, políticas de permanência estudantil etc., o que levou, entre outros conflitos, às imensas greves das universidades federais, como a de 2012 ou a desse ano".</p> <p>"Curiosamente, quando essa fachada da “revolução na educação” dos governos</p>

			<p>petistas, alardeando seu novo slogan de “pátria educadora”, começa a ser insustentável, com os cortes cada vez mais profundos que o governo federal tem feito na educação, o filme “Que horas ela volta?” surge para tentar encobrir essa realidade escancarada”.</p> <p>"Jéssica é a porta voz dessa ideologia: no filme, sua atitude altiva, seu esforço pessoal e seu triunfo no vestibular supostamente “provam” que uma mistura de meritocracia e a “mudança no país” podem levar os filhos das empregadas domésticas a estudar na universidade mais elitista do país. Já Fabinho, mesmo com todo o dinheiro e as possibilidades que sua origem social lhe garantem, não entra na universidade”.</p> <p>"Contudo, a realidade fora das telas desmente esse final feliz. Mesmo que existam exceções que, como Jéssica, conseguem furar o verdadeiro filtro social que é um vestibular como o da USP, esse é só o primeiro obstáculo que os filhos de trabalhadores enfrentam nesse caminho. Jéssica não terá garantida uma creche, pois, como viemos denunciando aqui no Esquerda Diário, as creches da USP, cujas vagas já eram insuficientes, vêm sofrendo ataques por parte da reitoria, bem como todas as políticas de permanência. Os cortes de custos atingem sobretudo os empregos dos trabalhadores – a meta da reitoria é terceirizar – e os estudantes que dependem de permanência. Um curso como arquitetura, além de ser em período integral (sem vagas noturnas) e praticamente inviabilizar que seus alunos o conciliem com trabalho, exige uma série de materiais específicos caros, que a universidade não fornece. Val, por sua vez, não poderá trabalhar se quiser ajudar Jéssica a cuidar do</p>
--	--	--	--

				filho enquanto ela está na universidade. O destino de muitas e muitas jovens mães de origem proletária como Jéssica é o de ter que abandonar seus estudos, porque o Estado não fornece mínimas condições para que possam continuar na universidade".
Polêmica: a arte inofensiva de Que horas ela volta	Deni Rubbo	17/09/2015	https://outraspalavras.net/poeticas/polemica-a-arte-inofensiva-de-que-horas-ela-volta/	“Arte engajada” com os dramas sociais do país? Bem, talvez seja exagerado caracterizar assim <i>Que horas ela volta?</i> . Não obstante, o filme demonstra essa meta, essa vontade, esse sentimento; apresenta-se na linhagem de “denúncia”, da tentativa de desvelar a intolerância da elite com os desvalidos. Por exemplo, quando Fabinho comenta com Val sua impressão sobre Jéssica — “estranha, porque segura demais” — há uma verdade mais profunda nessa confissão. Em seu “estado natural”, uma pessoa nordestina, sem recursos e com um nível de instrução escolar defasado, de origem social pobre, que irá prestar vestibular em uma das universidades mais concorridas e de mais prestígio do país, deveria estar, no mínimo, aflita e insegura. Mais cenas, especialmente na apresentação de Jéssica à família, coram essa sinuosidade da aparência e essência, dos preconceitos não pronunciados aos criados, dos rituais sociais de recebimento da chegada da “estrangeira”.
Notas sobre o filme Que horas ela volta? de Anna Muyaert	Rafael Kafka	23/10/2015	https://www.blogletras.com/2015/10/notas-sobre-o-filme-que-horas-ela-volta.html?m=1	"A diferença é que instigada por um professor de sua escola pública, da área de História, Jéssica sonha em entrar no curso superior e, por meio da formação em Arquitetura, gerar mudança social, discurso esse que causará choque na família tradicional, que não consegue ver a bela moça de tez mulata e cabelos encaracolados frequentando os corredores da maior universidade do país. Jéssica representa a realidade de

				diversas pessoas as quais não possuem uma escola pública de qualidade, mas acabam se deparando com uma figura provocadora que amplia sua visão de mundo e sua capacidade de sonhar."
"Que horas ela volta?" é espelho do nosso jogo separatista"	Luisa Frey	30/09/2015	https://www.dw.com/pt-br/qu-e-horas-ela-volta-%C3%A9-espelho-do-nosso-jogo-separatista-diz-diretora/a-18751829	"A obra é um drama familiar, que mostra como uma babá, representada por Regina Casé, que trabalha para uma família rica de São Paulo, vê sua vida se transformar quando a filha (Camila Márdila) decide se mudar para a cidade. Ela vem do Nordeste para prestar o concorrido vestibular da Universidade de São Paulo e desestabiliza as relações sociais consolidadas da casa em que a mãe trabalha. "Eu não me considero melhor, mas também não me considero pior que os outros", afirma."

Elaboração: Rigoni, 2022.